

A Avaliação das Relações Entre a Empatia e a Satisfação Conjugal: Um Estudo Preliminar¹

Maria das Graças Soares de Oliveira

Eliane Mary de Oliveira Falcone

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Rodolfo de Castro Ribas Jr.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O estudo avaliou as relações existentes entre a empatia e a satisfação conjugal. Participaram da pesquisa 120 indivíduos casados, alunos e funcionários de vários Institutos e Faculdades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com média de idade de 38,99 anos. Os participantes responderam a um Questionário de Empatia Conjugal (QEC), ao Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) (Davis, 1983) e à Medida de Satisfação Conjugal (Dela Coleta, 1989). Os dados obtidos com os instrumentos acima especificados revelaram um nível significativamente mais elevado de satisfação no casamento entre os participantes que possuíam parceiros com níveis mais elevados de empatia conjugal. A avaliação das correlações entre as três medidas apontou correlações estatisticamente significantes entre as escalas: IRI e Satisfação Conjugal ($r=0,28$, $p<0,01$); IRI e QEC ($r=0,25$, $p<0,01$); e entre Satisfação Conjugal e QEC ($r=0,74$, $p<0,001$). O coeficiente alfa elevado (0,95) encontrado na medida QEC permite recomendar sua utilização na clínica e em pesquisa.

Palavras-chave: empatia; satisfação conjugal; avaliação.

ABSTRACT

An Evaluation of the Relationships Between Empathy and Marriage Satisfaction: A Preliminary Study

The study evaluated the relationships between the empathy and marriage satisfaction. A group of 120 married adults ($M = 38,99$ years old), students and employees from several institutes and colleges of the Rio de Janeiro State University participated in the study. Participants completed the Marriage Empathy Questionnaire (MEQ), the Davis Interpersonal Reactivity Index (IRI) (Davis, 1983) and the Marriage Satisfaction Scale (Dela Coleta, 1989). The data obtained from the above mentioned instruments showed that participants who reported that their partners had higher levels of marriage empathy also presented higher levels of satisfaction in the marriage. Analyses identified statistically significant correlations between the three measures: IRI and Marriage Satisfaction ($r=0,28$, $p < 0,01$); IRI and MEQ ($r=0,25$, $p < 0,01$); and Marriage Satisfaction and MEQ ($r=0,74$, $p < 0,001$). The high Cronbach's alpha coefficient (0,95) found in the MEQ measure allows us to recommend its use in clinical practice and in research.

Keywords: empathy; marriage satisfaction; evaluation.

O termo “empatia” é originado da palavra alemã “*einfühlung*” e surgiu no contexto da teoria da estética do século XIX, onde se acreditava que um objeto estético produzia uma resposta emocional no observador e que essa resposta empática era causada por uma projeção que o observador fazia de sua predisposição interna, atribuindo beleza ou falta de beleza ao objeto (Burns & Auerbach, 1996; Wispe, 1992). Posterior-

mente, a empatia passou a ser objeto de estudo da psicologia, nas áreas evolutiva, social, da personalidade e clínica (Eisenberg & Strayer, 1992).

Dentre os vários conceitos de empatia encontrados na literatura (Bavelas, Black, Lemery & Mullett, 1992; Bohart & Tallman, 1997; Falcone, 1998; Ickes & Simpson, 1997) são identificados pontos em comum indicando que o indivíduo empático deve ter a

capacidade para perceber, sem julgar, os sinais mais sutis que representam as emoções e os sentimentos da outra pessoa, além de comunicar esse entendimento de forma sensível, fazendo com que a pessoa-alvo se sinta compreendida.

Os estudos atuais apontam a empatia como um fenômeno multidimensional, que inclui um componente cognitivo, um componente afetivo (Davis, 1980, 1983; Del Prette & Del Prette, 2001; McCullough, Worthington Jr. & Rachal, 1997; Strayer, 1992) e um componente comportamental (Falcone, 1998). O componente cognitivo da empatia envolve capacidade para adotar a perspectiva da outra pessoa. Significa entender o interlocutor de acordo com os termos deste, sem julgamentos pessoais (Davis, 1980, 1983; Falcone, 1998, 1999).

O segundo componente, o afetivo, refere-se à capacidade de: (a) reagir emocionalmente à emoção do outro com compaixão e simpatia (Davis, 1980; 1983; Davis & Oathout, 1987; Falcone, 1998; Feshbach, 1992); (b) expressar solidariedade, condolência e ternura (Batson & Shaw, 1991, citado por McCullough e cols., 1997; Del Prette & Del Prette, 2001) e (c) demonstrar preocupação com o bem-estar da outra pessoa (Falcone, 1998; Hoffman, 1992).

Falcone (1998, 1999; 2003) propõe um terceiro componente da empatia: o comportamental, que pode ser expresso nas formas verbal (através de descrição acurada do estado interno do outro, validando os sentimentos e pensamentos deste) e não verbal (através de postura aberta, proximidade etc., bem como de acenos e vocalizações, que indicam validação e consideração pela outra pessoa).

Todos esses componentes da empatia são considerados importantes e se complementam durante uma interação empática. A capacidade de “ler” o estado interno de outra pessoa, por exemplo, não é suficiente para indicar habilidade empática, uma vez que algumas pessoas podem compreender de forma acurada o que o outro pensa e sente, usando esse entendimento para benefício próprio. Da mesma maneira, experimentar compaixão por alguém não indica necessariamente que houve um entendimento acurado (Falcone, 1998, 2003). Finalmente, a comunicação sensível de entendimento é necessária para que a pessoa-alvo se sinta realmente compreendida (Burlison, 1985; Falcone, 1998, 2003). Para Ickes, Marangoni e Garcia (1997), é através da expressão de entendimento empático que se torna possível inferir a acuidade da percepção do indivíduo que empatiza.

Alguns estudos têm sugerido uma correlação entre empatia e satisfação conjugal, cuja definição é proposta por Dela Coleta (1989) como “a atitude com relação a aspectos do cônjuge e da interação conjugal” (p. 98). Assim, pesquisas revelam que um alto nível de empatia: a) conduz ao aumento de satisfação no parceiro (Davis & Oathout, 1987); b) favorece o perdão entre os parceiros, inibindo respostas destrutivas (McCullough e cols, 1997); c) favorece a resolução de conflito marital (Bissonnette, Rusbult & Kilpatrick, 1997); d) é preditiva e indicativa de ajustamento e da harmonia conjugal (Guerney, 1987; Ickes & Simpson, 1997; Long & Andrews, 1990; Sanford, 1998).

Os estudos de Schutte e cols. (2001) sobre inteligência emocional, que contém em seu conceito as características da habilidade empática, revelam ainda que as pessoas socialmente inteligentes constroem e sustentam melhores relacionamentos, além de relatarem maior satisfação conjugal. Tais resultados são concordantes com o modelo de Davis e Oathout (1987), o qual propõe que o elemento crucial em uma interação romântica corresponde a ações que visam tornar o parceiro mais feliz. Quando isso acontece, a ação de satisfazer o outro produz, por si só, a própria satisfação.

Se, por um lado, a empatia promove relações mais gratificantes e estáveis, deficiências na capacidade empática estão relacionadas a conflitos conjugais e divórcio (Beck, 1999; Dattilio, 2004; Epstein & Schlesinger, 2004; Guerney, 1987). Essas constatações têm motivado muitos terapeutas de casais a realizar treinamento da escuta empática em seus clientes (Beck, 1995, 1999; Guerney, 1987).

As consequências decorrentes de má comunicação conjugal estão entre os maiores estressores da vida, levando a transtornos como depressão e ansiedade (Epstein & Schlesinger, 1995). Além disso, estudos apontam que a insatisfação conjugal aumenta em 35% as chances de uma pessoa adoecer (Arias & House, 1998), podendo até mesmo encurtar a sua vida em cerca de quatro anos (Gottman & Silver, 2000). Tais consequências podem ser explicadas pela sensação de irritação crônica decorrente da insatisfação, com decréscimo do nível de funcionamento do sistema imunológico, favorecendo o aparecimento de enfermidades físicas tais como hipertensão e doenças cardíacas, além de problemas psicossociais como depressão, psicose, abuso de substâncias químicas, suicídio e homicídio (Granvold, 2004).

O divórcio, como consequência da insatisfação no casamento também constitui um importante estressor.

Em uma revisão de estudos, verificou-se que o divórcio constitui a forma mais grave de sofrimento, perdendo apenas para a morte de um ente querido. Está associado à depressão maior e a índices mais elevados de suicídio (Granvold, 2004).

Diante de tantas consequências nocivas à saúde provocadas por deficiências na comunicação conjugal, a empatia tem se tornado um foco importante de estudo visando melhorar a interação entre os cônjuges. Ao longo do tempo, ela tem sido avaliada através de diversos métodos (ver Batson, 1992; Caballo, 1993; Falcone, 1998; Gottman & Silver, 2000; Ickes, 1997; Ickes & Simpson, 1997; Lennon & Eisenberg, 1992; McCullough e cols, 1997; Sanford, 1998; Sanz, Gil & Garcia-Vera, 1998; Whisman & Delinsky, 2002).

O método de avaliação da empatia mais utilizado é o questionário de auto-informe, que consiste em colocar os próprios sujeitos no papel de observadores e pedir-lhes que manifestem como se sentem ou como se comportam diante de determinada situação (Batson, 1992; Falcone, 1998). Este método possui as vantagens de ser barato e de fácil aplicação, permitindo abordar uma ampla variedade de habilidades. Além disso, ele é rápido, pode ser aplicado em muitas pessoas ao mesmo tempo (Batson, 1992; Caballo, 1993; Sanz e cols, 1998), além de avaliar uma variedade de adjetivos emocionais. Finalmente, as suposições que sustentam as medidas de auto-informe são de que o próprio sujeito é a pessoa mais indicada para informar o que está pensando e sentindo com precisão (Batson, 1992).

Em contrapartida algumas desvantagens são apontadas na medida de auto-informe, como a incongruência que pode haver entre a constatação do sujeito e sua conduta real, devido à percepção errônea de si mesmo; carência de destreza de linguagem para interpretar a própria experiência de maneira adequada em relação aos termos oferecidos nas escalas de avaliação; dificuldade quanto ao significado contextual dos termos apresentados; necessidade de apresentar-se de forma mais positiva para impressionar os outros; necessidade de revelar reações emocionais de menor intensidade do que as realmente sentidas, com o intuito de parecer forte ou não ser afetado por adversi-

dades; possibilidade de que as pessoas tenham pouca habilidade para relatar processos cognitivos com precisão (Batson, 1992; Caballo, 1993; Sanz e cols, 1998).

No campo da psicoterapia, a avaliação da empatia terapêutica feita pelo paciente tem sido recomendada, a partir de resultados de estudos indicando que a percepção dos pacientes acerca da empatia dos seus terapeutas tem maior probabilidade de prever a recuperação clínica do que a percepção da empatia dos próprios terapeutas. Tais estudos sugerem que os pacientes podem ser melhores avaliadores da qualidade da empatia terapêutica do que os seus terapeutas (Bachelor, 1988; Bohart & Greenberg, 1997; Burns & Auerbach, 1996). Com base nos resultados desses estudos, pode-se também inferir que a avaliação da empatia de um indivíduo casado será provavelmente mais bem avaliada pelo seu cônjuge do que pela auto-observação.

A constatação de que a empatia constitui uma variável que está relacionada à satisfação conjugal motivou a realização desse estudo que procurou avaliar as relações entre a empatia e a satisfação conjugal.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi composta de 120 estudantes e funcionários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com idade entre 20 e 69 anos, de ambos os sexos (67 mulheres e 53 homens). O critério para a seleção dos participantes foi estarem vivendo na ocasião uma relação conjugal. A Tabela 1 apresenta os dados descritivos da amostra em função da idade, escolaridade, duração da união, número de filhos e sexo. Nota-se que houve uma diferença significativa entre as idades dos estudantes e dos funcionários ($t = -5,92$). Não houve diferença significativa entre os grupos nem em relação à escolaridade e nem ao número de filhos. Houve uma diferença significativa entre os grupos na variável tempo de união ($t = -4,28$), o que é congruente, visto que os funcionários são mais idosos do que os alunos. A amostra teve uma participação levemente maior do sexo feminino, nos dois grupos.

TABELA 1
Dados Descritivos dos Participantes

Variável	Estudantes	Funcionários	Total	T
N	70	50	120	
Idade (anos)	34,43 (9,68)	45,38 (10,40)	38,99 (5,38)	-5,92*
Escolaridade ¹	3,29 (0,51)	3,22 (1,18)	3,26 (0,85)	0,41
Duração da união (anos)	9,43 (8,55)	16,68 (9,97)	12,45 (9,81)	-4,28*
Número de Filhos	1,17 (1,31)	1,56 (1,10)	1,33 (1,23)	-1,72
Sexo (%)				
Feminino	53,7	58,0	55,8	
Masculino	45,3	42,0	44,2	

Nota. Média (Desvio Padrão);

¹Escala adaptada de Hollingshead;

* Significativo para $p < 0,01$.

Procedimento

A pesquisa teve início após a aprovação do projeto pelo Conselho de Ética da UERJ. Cada participante assinou o termo de consentimento informado concordando com os termos da pesquisa. Os dados gerais foram obtidos através de um questionário sociodemográfico.

Instrumentos

A empatia individual foi avaliada através do Índice de Reatividade Interpessoal – IRI (Davis, 1980). Trata-se de um questionário de auto-informe do tipo Likert, composto de quatro subescalas independentes, cada uma medindo uma dimensão da empatia: Adoção de Perspectiva, Preocupação Empática, Fantasia e Mal-estar Pessoal. A escala total é composta de 28 itens, cada subescala contendo sete itens. Considerando-se que as duas primeiras dimensões descrevem melhor a empatia (Davis, 1980), as dimensões Fantasia e Mal-estar pessoal foram excluídas neste estudo. Os itens foram pontuados direta ou inversamente, de acordo com a sua relação com o seu significado empático ou não empático.

Na avaliação da satisfação conjugal foi utilizada a Medida de Satisfação Conjugal de Dela Coleta (1989), contendo 24 itens, distribuídos em três subescalas que medem satisfação em relação à interação conjugal; aos aspectos emocionais do cônjuge; e à forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge. A escala permite a obtenção de escores específicos indicando a extensão em que o

respondente está satisfeito com cada um desses aspectos do casamento.

Para avaliar a empatia conjugal foi construído o Questionário de Empatia Conjugal – QEC (Apêndice A). Esta medida foi elaborada a partir de uma revisão de diversos questionários e de entrevistas estruturadas de avaliação de comunicação conjugal (Beck, 1995; Caballo, 1991, 1993, 1995; Dattilio & Padesky, 1995; Guernsey, 1987; Nichols, 1995; Sanford, 1998; Sokol, 1999). Trata-se de um questionário auto-aplicável em que as respostas do indivíduo são referentes ao comportamento de seu cônjuge. A medida é composta de 36 itens, sendo 19 itens relativos ao componente comportamental da empatia (p.ex.: “Meu companheiro me elogia, faz comentários positivos a meu respeito para mim e para os outros”); 12 itens relacionados ao elemento cognitivo (p. ex.: “Meu companheiro procura ver as coisas do meu ponto de vista mesmo quando discorda de mim”) e cinco itens referentes ao elemento emocional (p. ex.: “Meu companheiro sofre quando sabe que eu estou sofrendo física ou emocionalmente”).

A Tabela 2 informa os estudos que contribuíram para a elaboração dos componentes do Questionário de Empatia Conjugal (QEC). O QEC buscou avaliar como o respondente percebia o comportamento do companheiro em relação a si próprio. Cada item tem uma pontuação que varia entre 1 (nunca) até 4 (sempre). Quanto maior a pontuação, maior a empatia conjugal do parceiro. Os itens 4, 11, 17, 22, 25 e 35 devem ser invertidos uma vez que representam atitudes não empáticas.

TABELA 2

Componentes, Características e Estudos que Contribuíram para a Elaboração do Questionário de Empatia Conjugal (QEC)

Componentes	Características	Estudos
Cognitivo	Reconhecimento da emoção do outro.	Feshbach, 1975, citado por Strayer, 1992.
	Capacidade de adotar o papel do outro.	Bedell & Lennox, 1997. Davis, 1980, 1983; Long & Andrews, 1990; Nichols, 1995.
	Capacidade de inferir acuradamente os pensamentos e perspectivas da outra pessoa.	Falcone, 1998; Ickes, 1997.
Afetivo	Compaixão e simpatia.	Davis, 1980, 1983; Davis & Oathout, 1987; Falcone, 1998.
	Solidariedade.	Del Prette & Del Prette, 2001.
	Condolência, compaixão e ternura.	Batson & Shaw, 1991, citado por McCullough e cols, 1997.
	Demonstração de preocupação com o bem-estar do outro.	Hoffman, 1992, Falcone, 1998.
	Responder emocionalmente ao outro.	Feshbach, 1992; Davis & Oathout, 1987.
	Reações emocionais diante do mal-estar alheio.	Batson; Fultz & Schoenrade, 1992.
Comportamental	Comportamento verbal: verbalização sensível.	Falcone, 1998; Del Prette & Del Prette, 2001; Guerney, 1987.
	Comportamento não verbal: olhar nos olhos, tom de voz, vocalizações.	Caballo, 1991, 1993; Bedell & Lennox, 1997; Sanford, 1998.
	Ouvir sensível deixando de lado a própria agenda para ouvir o outro.	Nichols, 1995.
	Prestar atenção, ouvir sensivelmente e verbalizar sensivelmente.	Falcone, 1998.
	Percepção de que ambos estão do mesmo lado apesar das discordâncias.	Bohart & Tallman, 1997.
	Demonstração de respeito através do tom de voz.	Guerney, 1987.

RESULTADOS

A Tabela 3 apresenta os resultados da análise de confiabilidade das Escalas através do Alfa de Cronbach. A escala IRI obteve o Alfa de 0,64. Nesta medida, dois itens foram descartados: o item 2 (“às vezes acho difícil ver as coisas a partir do ponto de vista de outra pessoa”) e o item 9 (“quando vejo que

uma pessoa está sendo tratada injustamente, eu não costumo lamentar por ela”). A Medida de Satisfação Conjugal obteve o Alfa de 0,92 e o Alfa obtido no QEC foi de 0,95. Nestas duas últimas medidas nenhum item foi descartado, conforme pode ser visto na Tabela 3.

TABELA 3

Consistência Interna das Medidas

Escala	Escore possível	Alfa ^a
Índice de Reatividade Interpessoal	1 – 5	0,64
Medida de Satisfação Conjugal	1 – 3	0,92
Questionário de Empatia Conjugal	1 – 4	0,95

Nota. ^aConsistência Interna (Alfa de Cronbach).

A Tabela 4 apresenta as médias e os desvios-padrão dos estudantes e dos funcionários em relação a cada uma das medidas aplicadas. Embora os funcionários tenham apresentado uma média ligeiramente

maior em reatividade interpessoal, satisfação conjugal e empatia conjugal, estas diferenças foram insignificantes, conforme pode se observar pelo *t* de Student.

TABELA 4
Resultados Obtidos com a Aplicação das Escalas

Variável	Estudantes	Funcionários	Total	T
Reatividade Interpessoal	3,73 (0,67)	3,84 (0,55)	3,78 (0,62)	-0,93, ns
Satisfação Conjugal	2,29 (0,45)	2,36 (0,41)	2,32 (0,43)	-0,87, ns
Empatia Conjugal	2,97 (0,61)	3,09 (0,51)	3,02 (0,57)	-1,14, ns

Nota. M (DP); ns, não significativo.

Na Tabela 5 são apresentadas as diferenças de gênero em relação às três medidas utilizadas neste estudo. Como se pode observar pelos valores de *t*, as dife-

renças entre mulheres e homens não foram significativas em nenhuma das três escalas.

TABELA 5
Resultados Obtidos em Relação ao Sexo

Variável	Mulheres	Homens	T
Reatividade Interpessoal	3,84 (0,61)	3,70 (0,61)	0,22 Ns
Satisfação Conjugal	2,28 (0,43)	2,38 (0,43)	0,21 Ns
Empatia Conjugal	3,00 (0,61)	3,04 (0,52)	0,71 Ns

Nota. M (DP), ns não significativo para $p < 0,05$.

Todas as medidas se correlacionaram significativamente entre si ($p < 0,01$), conforme mostra a Tabela 6. O IRI obteve uma correlação positiva, porém de fraca a moderada com a medida de Satisfação Conjugal ($r = 0,28$) e com o QEC ($r = 0,25$). Em relação à medida de Satisfação Conjugal e o QEC foi verificada

uma correlação elevada ($r = 0,74$). Estes resultados sugerem que a medida da empatia conjugal (QEC) parece ser mais sensível para avaliar a empatia na relação conjugal e parece ter maior influência na satisfação conjugal do que a medida (IRI), que avalia a empatia nas relações sociais em geral.

TABELA 6
Correlação entre Medidas de Reatividade, Satisfação e Empatia

Variável	1	2	3
1 Reatividade Interpessoal	-	0,28*	0,25*
2 Satisfação Conjugal		-	0,74**
3 Empatia Conjugal			-

Nota. * Significativo para $p < 0,05$;

** Significativo para $p < 0,001$.

As figuras que se seguem apresentam os diagramas de dispersão das variáveis. A figura 1 mostra a dispersão dos dados entre Satisfação Conjugal e a Empatia Conjugal avaliada pelo QEC. Observa-se que a distri-

buição dos pontos revela uma tendência positiva entre empatia e satisfação; quanto maior a empatia maior a satisfação conjugal.

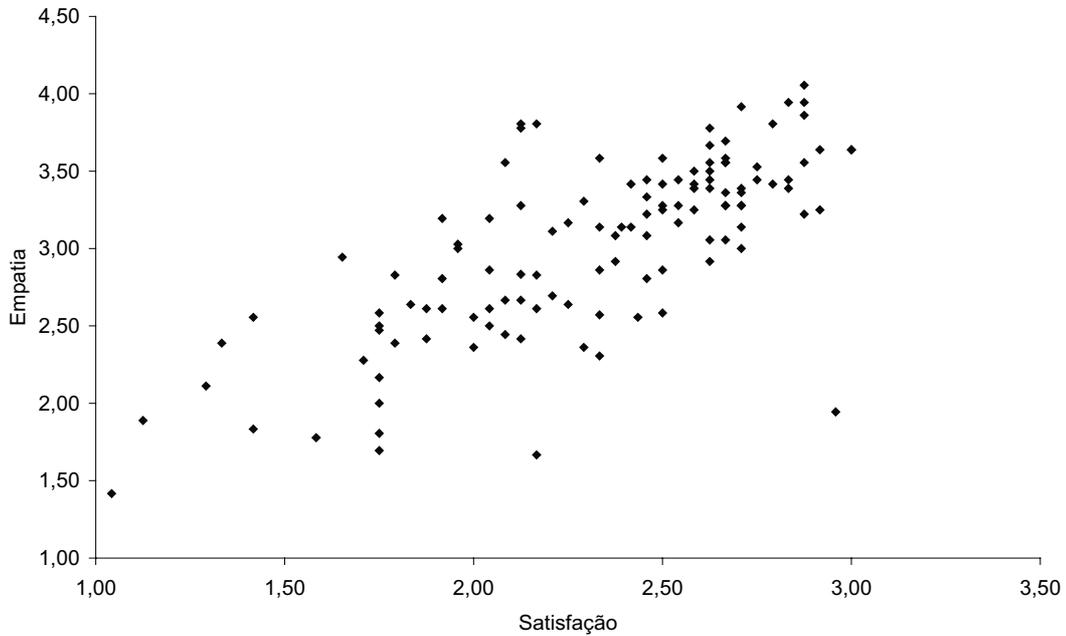


Figura 1. Dispersão de dados entre satisfação e empatia.

Em contrapartida, a empatia avaliada pelo IRI e a Satisfação Conjugal revelam uma tendência mais difusa, conforme mostra a Figura 2. Parece que a percepção do indivíduo de sua capacidade de reagir de forma empática ao outro, apesar de revelar uma tendência levemente positiva, exerce uma influência me-

nor na satisfação conjugal do que a empatia conjugal. Este resultado pode estar relacionado ao fato de que o IRI contém itens mais gerais de avaliação da empatia, enquanto o QEC apresenta itens mais específicos que avaliam a empatia na relação conjugal.

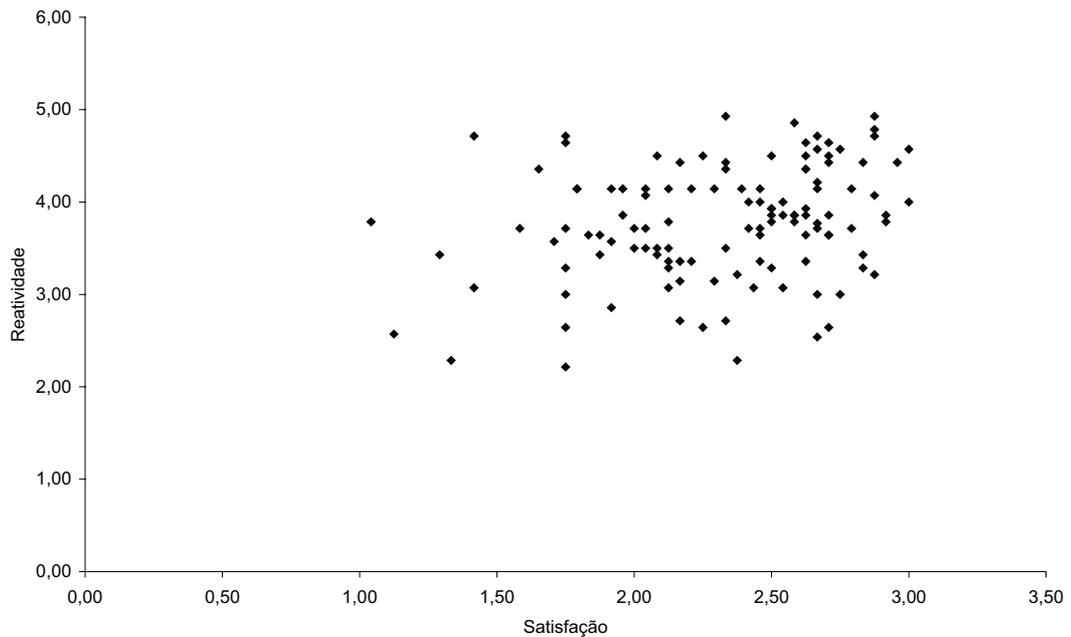


Figura 2. Dispersão de dados entre satisfação e reatividade.

A Tabela 7 apresenta a correlação existente entre o IRI, o QEC, a medida de Satisfação Conjugal e as demais variáveis. Como se pode observar, o IRI, além de se correlacionar com satisfação conjugal e o QEC, apresentou correlação positiva, embora fraca, com a variável tempo de união ($r = 0,19$). Tais resultados sugerem a existência de uma leve tendência para reagir ao cônjuge de forma mais empática no decorrer da convivência. Esta tendência parece surpreendente uma vez que, com surgimento dos estressores da vida, seria de se esperar que a empatia começasse a reduzir com o tempo.

Por outro lado, a medida de Satisfação Conjugal, com exceção da alta correlação com o QEC, não apre-

sentou nenhuma correlação com as variáveis sexo, idade, instrução, tempo de união e número de filhos. O QEC também não apresentou correlação com nenhuma das demais variáveis. São necessários mais estudos para descobrir que outros fatores influenciam, tanto na satisfação quanto na empatia conjugal. O nível de instrução também não apresentou correlação com tempo de união e número de filhos. Como se esperava, a variável idade apresentou uma forte correlação positiva com tempo de união ($r = 0,74$) e uma correlação média positiva com o número de filhos ($r = 0,47$). Como é natural, o tempo de união apresentou uma correlação média positiva com o número de filhos ($r = 0,53$).

TABELA 7
Correlação Entre as Medidas e Demais Variáveis

	2	3	4	5	6	7	8
1 Reatividade	0,28*	0,25*	-0,11	-0,03	-0,01	0,19*	0,02
2 Satisfação	-	0,74**	0,12	-0,01	0,12	-0,01	-0,09
3 Empatia		-	0,03	-0,04	0,08	-0,15	-0,15
4 Sexo			-	0,03	-0,13	-0,08	-0,04
5 Idade (anos)				-	0,03	0,74**	0,47**
6 Instrução					-	-0,03	-0,11
7 Tempo de União						-	0,53**
8 Número de Filhos							-

Nota. * Significativo para $p < 0,05$;

** Significativo para $p < 0,01$.

DISCUSSÃO

Observa-se, nesta pesquisa, que a Medida de Satisfação Conjugal obteve uma confiabilidade alta, com um Alfa de Cronbach de 0,92, semelhante ao estudo original de Dela Coleta (1989). Por outro lado, o Alfa do IRI (Davis, 1980), neste estudo, revelou-se baixo (0,64).

A validade elevada observada no QEC permite considerar este instrumento como capaz de medir a empatia conjugal, podendo então, ser utilizado na clínica para avaliar as deficiências em empatia dos casais em conflito, bem como em pesquisas com indivíduos casados. Além disso, a correlação positiva do QEC com a escala de Satisfação Conjugal reforça pesquisas anteriores defendendo que a empatia, além de favorecer as relações, é indicativa de maior ajustamento conjugal (Davis & Oathout, 1987; Guerney, 1987; Ickes & Simpson, 1997; Long & Andrews,

1990; Sanford, 1998), além de exercer influência na qualidade do relacionamento (Falcone, 1998). Se o indivíduo possui nível elevado de empatia conjugal, ele tende a ser mais capaz de se colocar no lugar do cônjuge (Bedell & Lennox, 1997; Davis, 1980; Long & Andrews, 1990) e de compreender seus pensamentos e sentimentos. Em consequência disso, seu parceiro tenderá a se sentir acolhido, validado em seus sentimentos e respeitado, o que fortalecerá o vínculo entre a díade, permitindo assim, uma maior satisfação no casamento.

Ainda com relação à consistência interna, os componentes presentes nos diversos itens do QEC revelam que eles estão relacionados à variável empatia. A fraca ou moderada correlação entre o IRI e a escala de Satisfação Conjugal pode também ser atribuída ao fato de a primeira haver sido construída em outro país. Outra possibilidade pode estar relacionada ao fato de que a escala IRI foi construída para avaliar a empatia

em contextos interpessoais variados, não necessariamente relacionados à situação conjugal. Por outro lado, a correlação forte e positiva entre as medidas QEC e Satisfação confirmam a hipótese inicial deste estudo de que pessoas com parceiros empáticos tendem a se considerar mais satisfeitas em seus relacionamentos em comparação com aquelas que têm parceiros não empáticos.

É interessante observar que, embora a escala IRI tenha apresentado uma correlação fraca com tempo de união, o que supostamente revela uma habilidade para compreender os comportamentos dos outros, o QEC não se correlacionou com o tempo de união.

O número de filhos não apresentou nenhuma correlação com as três medidas, sugerindo neste estudo que a presença ou ausência de filhos não interfere no nível de satisfação conjugal e nem na capacidade do cônjuge para agir empaticamente com o seu parceiro. Apesar da presença de filhos ser considerada como um dos estressores do casamento (Epstein & Schlesinger, 2004) e da ideia de que a redução da prole na sociedade atual pode direcionar a atenção dos cônjuges mais para o relacionamento e com isto levar ao divórcio (Jablonsky, 1998), nesta pesquisa não ficou constatado que este fator conduz à insatisfação conjugal.

A constatação da inexistência de correlação entre as três medidas utilizadas neste estudo com idade e nível de instrução sugere que estas podem estar correlacionadas a outros fatores, talvez de personalidade (Davis & Oathout, 1987). Outros estudos são necessários para investigar essa hipótese. Diferenças entre os gêneros não foram encontradas nas três escalas. Assim, o IRI, nesta pesquisa, não confirmou pesquisas anteriores (Davis, 1980; Koller, Camino & Ribeiro, 2001) de que as mulheres são mais empáticas do que os homens.

Com relação à satisfação conjugal, as diferenças entre homens e mulheres também não foram significativas. Este fato sugere que embora as mulheres possam ter expectativas irrealistas em relação ao casamento (Dattilio & Padesky, 1995), que possam manter a idealização em relação ao príncipe encantado (Moraes & Rodrigues, 2001) e serem mais propensas a acalentar ideias românticas sobre o amor (Del Prette & Del Prette, 2001) do que os homens, e embora estes fatores possam conduzir à insatisfação conjugal, no presente estudo as mulheres não se revelaram mais insatisfeitas com seus casamentos do que os homens.

Uma vez que a satisfação conjugal se correlaciona positivamente com a empatia conjugal e diante dos prejuízos causados pelos estressores do divórcio

(Granvold, 2004), o desenvolvimento de cursos de treinamento para reduzir os estressores conjugais (Epstein & Schlesinger, 2004), sobretudo os ligados à falha na comunicação (Arias & House, 1998; Gottman & Silver, 2000) poderia ser de grande valia para aliviar o sofrimento dos casais e para promover relações mais agradáveis.

Finalmente, os dados reportados nesta avaliação preliminar do Questionário de Empatia Conjugal (QEC) revelam a confiabilidade deste instrumento para medir a empatia conjugal. Entretanto, sugere-se que o estudo seja replicado em uma amostra mais representativa e mais heterogênea, de preferência com segmentos diferenciados da população brasileira. Em segundo lugar, que a pesquisa seja replicada com casais para permitir o cruzamento das informações dos cônjuges, verificando se suas percepções a respeito da reatividade interpessoal e da empatia conjugal são convergentes. Em terceiro lugar, seria interessante, num estudo posterior, conferir a validade de conteúdo dos itens do QEC para verificar se eles realmente representam a diversidade dos comportamentos da empatia conjugal.

REFERÊNCIAS

- Arias, I., & House, A. S. (1998). Tratamiento cognitivo-conductual de los problemas de pareja. Em V. F. Caballo (Org.), *Manual para el tratamiento cognitivo-conductual de los trastornos psicológicos: Vol. 2* (pp. 553-575). Madrid: Siglo Veintiuno.
- Bachelor, A. (1988). How clients perceive therapist empathy: A content analysis of "received" empathy. *Psychotherapy, 25*(2), 227-240.
- Batson, C. D., Fultz, J., & Schoenrade, P. A. (1992). Las reacciones emocionales de los adultos al malestar de otros. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 181-203). Bilbao: Desclée de Brower.
- Batson, D. (1992). Medidas de la emoción empática mediante auto-informe. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 391-396). Bilbao: Desclée de Brower.
- Bavelas, J. B., Black, A., Lemery, C. R., & Mullett, J. (1992) La mímica motora como empatía primitiva. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 349-372). Bilbao: Desclée de Brower.
- Beck A. T. (1995). *Para além do amor: Como os casais podem superar os desentendimentos, resolver os conflitos e encontrar uma solução para os problemas de relacionamento através da terapia cognitiva* (P. Frões, Trad.). Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos.
- Beck, A. T. (1999). *Prisoners of hate*. New York: Harper Collins Publishers.

- Bedell, J., & Lennox, S. S. (1997). *Handbook for communication and problem-solving skills training: A cognitive behavioral approach*. New York: John Wiley & Sons.
- Bissonnette, V. L., Rusbult, C. E., & Kilpatrick, S. D. (1997). Empathic accuracy and marital conflict resolution. Em W. Ickes (Org.), *Empathic accuracy* (pp. 251-281). New York: Guilford Press.
- Bohart, A. C., & Tallman, K. (1997). Empathy and the active client: An integrative, cognitive experiential approach. Em A. C. Bohart & L. S. Greenberg (Orgs.), *Empathy reconsidered: New directions in psychotherapy* (pp. 393-415). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bohart, A. C., & Greenberg, L. S. (1997). Empathy and psychotherapy: An introductory overview. Em A. C. Bohart & L. S. Greenberg (Orgs.), *Empathy reconsidered: New direction in psychotherapy* (pp. 103-121). Washington, DC: American Psychological Association.
- Burleson, B. R. (1985). The production of comforting messages: Social cognitive foundations. *Journal of Language and Social Psychology*, 4, 253-273.
- Burns, D. D., & Auerbach, A. (1996). Therapeutic empathy in cognitive-behavioral therapy: Does it really make a difference? Em P. M. Salkovskis (Org.), *Frontiers of cognitive therapy* (pp. 135-164). New York: Guilford Press.
- Caballo, V. E. (1991). El entrenamiento en habilidades sociales. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual de técnicas de terapia y modificación de conducta* (pp. 403-471). Madrid: Siglo Veintiuno.
- Caballo, V. E. (1993). *Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Caballo, V. E. (1995). Una aportación española a los aspectos moleculares, a la evaluación y al entrenamiento de las habilidades sociales. *Revista Mexicana de Psicología*, 12, 121-131.
- Dattilio, F. M. (2004). Famílias em crise. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais de intervenção em situações de crise* (pp. 264-280) (M. A. V. Veronese, Trad.) (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Dattilio, F. M., & Padesky, C. A. (1995). *Terapia cognitiva com casais* (D. Batista, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Davis H. M., & Oathout, H. A. (1987). Maintenance of satisfaction in romantic relationships: Empathy and relational competence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 397-410.
- Davis, M. H. (1980). A multimodal approach to individual differences in empathy. *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, 85.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: Adaptação de uma escala. *Psico*, 2, 90-112.
- Eisenberg, N., & Strayer, J. (1992). Prefácio. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 9-10). Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Epstein, N. B., & Schlesinger, S. E. (1995). Problemas conjugais. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais de intervenção em crises* (pp. 343-365) (M. Lopes & M. Carbajal, Trad.). Campinas: Editorial Psy.
- Epstein, N. B., & Schlesinger, S. E. (2004). Casais em crise. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais de intervenção em situações de crise* (pp. 234-263) (M. A. V. Veronese, Trad.) (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Falcone, E. M. O. (1998). *A avaliação de um programa de treinamento da empatia*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de São Paulo.
- Falcone, E. M. O. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 1, 23-32.
- Falcone, E. M. O. (2003). Empatia. Em C. N. de Abreu & M. Roso (Orgs.), *Psicoterapias cognitiva e construtivista: Novas fronteiras da prática clínica* (pp. 275-287). Porto Alegre: Artmed.
- Feshbach, N. D. (1992). Empatia parental y ajuste/desajuste infantil. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 299-320). Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Gottman, J., & Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Granvold, D. K. (2004). Divórcio. Em F. M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Estratégias cognitivo-comportamentais de intervenção em situações de crise* (pp. 300-316). (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Guernsey, B. G. Jr. (1987). *Relationship enhancement: Marital/family therapists' manual*. State College, PA: IDEALS.
- Hoffman, M. L. (1992). La aportación de la empatía a la justicia y al juicio moral. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 59-96). Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Ickes, W., & Simpson, J. A. (1997). Managing empathic accuracy in close relationships. Em W. Ickes (Org.), *Empathic accuracy* (pp. 218-250). New York: Guilford Press.
- Ickes, W. (1997). *Empathic accuracy*. New York: Guilford Press.
- Ickes, W., Marangoni, C., & García, S. (1997). Studying empathic accuracy in a clinically relevant context. Em W. Ickes (Org.), *Empathic accuracy* (pp. 282-310). New York: Guilford Press.
- Jablonsky, B. (1998). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Agir.
- Koller, S. H., Camino, C., & Ribeiro, J. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18, 45-53.
- Lennon, R., & Eisenberg, N. (1992). Diferenças de sexo y edad en empatía y simpatía. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 215-240). Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Long, E. C. J., & Andrews, D. W. (1990). Perspective taking as a predictor of marital adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 126-131.

- McCullough, M. E., Worthington Jr., E. L., & Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 321-336.
- Moraes, C. G., & Rodrigues, A. S. (2001). Terapia de casais. Em Bernard Rangé (Org.), *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: Um diálogo com a psiquiatria* (pp. 513-522). Porto Alegre: Artmed.
- Nichols, M. P. (1995). *The lost art of listening*. New York & London: Guilford Press.
- Sanford, K. (1998). Memories of feeling misunderstood, and a schema of partner emphatic responding: New scales for marital research. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 490-501.
- Sanz, J., Gil, F., & García-Vera, M. P. (1998). Evaluación de las habilidades sociales. Em F. Gil & J. M. León Rubio (Orgs.), *Habilidades sociales: Teoría, investigación e intervención* (pp. 25-61). Madrid: Síntesis.
- Schutte, N. S., Malouff, J. M., Coston, T. D., Greeson, C., Jeddlicka, C., Rhodes, E., & Wendorf, G. (2001). Emotional intelligence and interpersonal relations. *Journal of Social Psychology*, 141, 523-536.
- Sokol, L. (1999). *Curso de treinamento em psicologia cognitiva*. Manuscrito não-publicado, Sociedade Brasileira de Terapias Cognitivas e Instituto Beck, Porto Alegre.
- Strayer, J. (1992). Perspectivas afectivas y cognitivas sobre la empatía. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 241-270). Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Whisman, M. A., & Delinsky, S. S. (2002). Marital satisfaction and an information-processing. *Cognitive Therapy and Research*, 26, 617-627.
- Wispé, L. (1992). Historia del concepto de empatía. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *La empatía y su desarrollo* (pp. 27-48). Bilbao: Desclée de Brouwer.

Apêndice A

Questionário de Empatia Conjugal (QEC)

Este questionário foi construído para avaliar como você vê a sua companheira. Marque apenas um X para cada item.

Comportamentos	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
1. Minha companheira sente compaixão quando eu me mostro desesperançado.				
2. Quando eu falo, minha companheira acena com a cabeça mostrando que está me ouvindo.				
3. Minha companheira mostra interesse pelos assuntos que me agradam.				
4. Fico impedido de concluir o meu raciocínio porque a minha companheira me interrompe quando eu estou falando.				
5. Minha companheira emite sons do tipo "mm-hum" mostrando que me entende.				
6. Minha companheira percebe quando eu estou me sentindo para baixo mesmo que eu não revele isso.				
7. Minha companheira preocupa-se com o meu bem-estar.				
8. Minha companheira faz perguntas tentando entender melhor o que eu estou sentindo.				
9. Quando conversamos, minha companheira evita me julgar, avaliar ou criticar.				
10. Minha companheira fala o suficiente sobre as questões tentando me compreender.				
11. Minha companheira se retira quando se aborrece comigo.				
12. Minha companheira me ajuda a ver com clareza o que estou sentindo (raiva, tristeza, mágoa, etc)				
13. Minha companheira acerta quando tenta resumir, com outras palavras, o que eu digo.				
14. Minha companheira sofre quando sabe que eu estou sofrendo física ou emocionalmente.				
15. Minha companheira respeita áreas e situações que me irritam, constroem ou incomodam.				
16. Minha companheira me ouve atentamente quando eu quero discutir um assunto.				
17. Minha companheira usa o que eu digo contra mim no futuro.				
18. Sinto que minha companheira me compreende porque valoriza minhas ideias e sentimentos.				
19. Sinto que minha companheira me compreende porque ela justifica o que estou sentindo.				
20. Minha companheira se mostra feliz quando eu consigo algo que desejava muito.				
21. Minha companheira procura ver as coisas do meu ponto de vista mesmo quando discorda de mim.				
22. Minha companheira é irônica comigo, me critica e me constrange diante de outras pessoas.				

23. Minha companheira me elogia, faz comentários positivos a meu respeito para mim e para os outros.				
24. Minha companheira fica atenta às minhas necessidades.				
25. Quando fico triste ou magoado com algo que minha companheira fez, ela tenta me consolar dizendo "isso não é tão grave"; "não leve a sério o que eu disse"; "eu só estava brincando".				
26. Quando eu estou angustiado, minha companheira costuma dizer: "eu sei que isso é doloroso para você".				
27. Minha companheira percebe porque eu estou chateado quando ela reclama sobre algo.				
28. Minha companheira fica comovida quando eu choro.				
29. Minha companheira me abraça, me toca e me olha quando eu estou triste ou preocupado.				
30. Minha companheira respeita meus sentimentos e ideias mesmo quando não concorda comigo.				
31. Minha companheira olha para mim enquanto eu falo, evitando se distrair ou brincar com algo.				
32. Minha companheira me agradece quando eu faço algo para ela.				
33. Minha companheira reconhece minhas boas intenções.				
34. Quando estou nervoso ou irritado minha companheira procura manter a calma.				
35. Quando eu falo, minha companheira mantém uma expressão fechada, impaciente, irritada ou irônica.				
36. Quando eu fico aborrecido, minha companheira procura se colocar no meu lugar, tentando me compreender.				

Recebido: 28/05/2007
Última revisão: 08/10/2009
Aceite final: 20/10/2009

Nota:

¹ Os autores gostariam de agradecer aos pareceristas anônimos por suas contribuições.

Sobre os autores:

Maria das Graças Soares de Oliveira: Mestre em Psicologia Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Psicoterapeuta Cognitivo-Comportamental. Endereço eletrônico: graca.tcc@gmail.com.

Eliane Mary de Oliveira Falcone: Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Professora adjunta do Instituto de Psicologia da UERJ. Docente do programa de pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: falcone@uol.com.br.

Rodolfo de Castro Ribas Jr.: Psicólogo; Doutor em Psicologia Social e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Professor adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: rodolfoforibas@globocom.com.
